

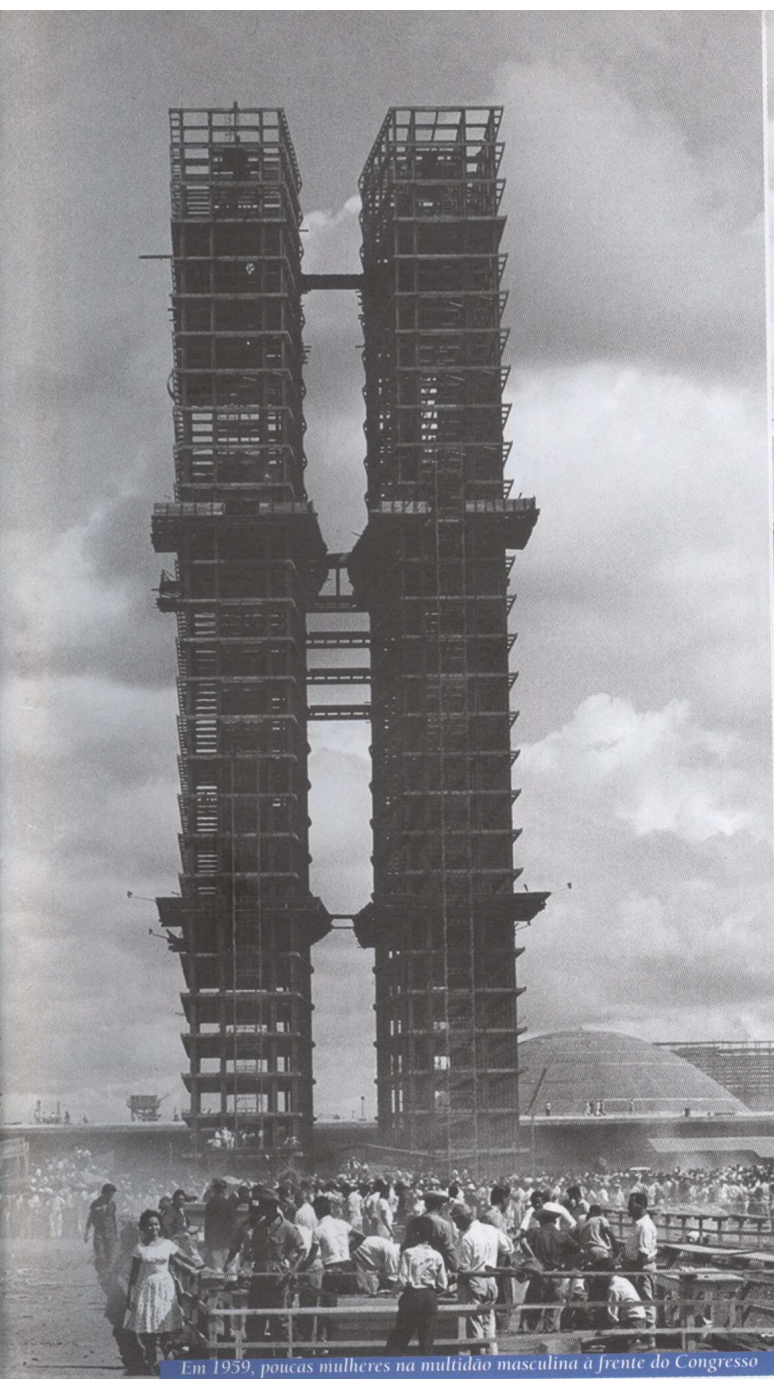
memória



Elas chegaram ao Planalto muito antes de Dilma

As primeiras mulheres de Brasília

Imagens e objetos das décadas de 1950 e 1960 revelam a saga de brasileiras anônimas que superaram todas as adversidades na construção da capital, meio século antes de Dilma chegar ao Palácio do Planalto



Em 1959, poucas mulheres na multidão masculina à frente do Congresso



Do céu azul para a terra vermelha, em busca de sonhos



Ao volante de um caminhão, elas quebravam preconceitos



No início da W3, placa indica a polêmica em torno da nova capital

Edson Sardinha

No princípio, era o pó. Sobre o chão vermelho e o verde do cerrado do Planalto Central, Brasília brotou do sonho à realidade em menos de quatro anos. Uma capital erguida à base de concreto, suor e ilusões. Dos idealizadores Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, passando pelos executores Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, até os anônimos operários candangos, que botaram a mão na massa, a construção da cidade sempre esteve associada à figura do desbravador masculino. Mais de meio século após sua inauguração, Brasília faz um acerto de contas com o próprio passado ao resgatar do baú da memória a contribuição feminina, desde os seus primeiros dias.

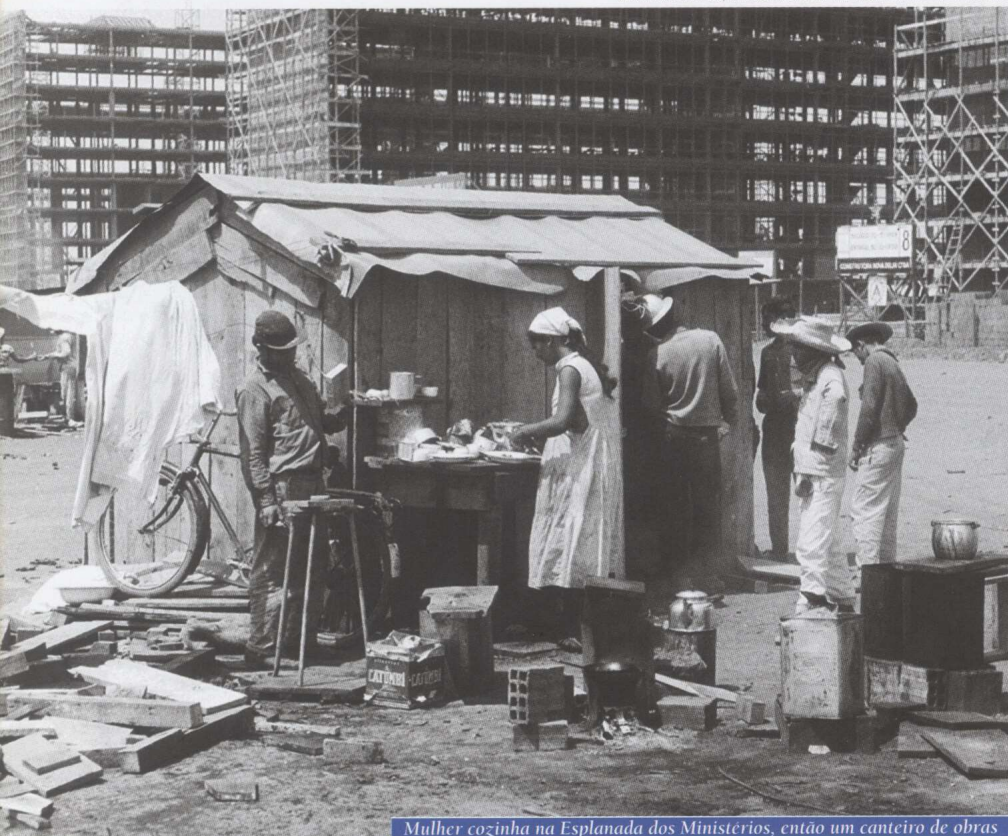
“Há uma enorme invisibilidade e desconhecimento da vida dessas mulheres no início da construção da cidade”, conta Tânia Fontenelle, curadora da exposição Memórias Femininas da Construção de Brasília. A mostra, realizada entre abril e junho no Museu Nacional dos Correios, reuniu centenas de registros históricos de personagens anônimos e reproduziu a ambientação do universo feminino, com móveis, roupas, utensílios domésticos e ferramentas de trabalho utilizados à época.

Detalhes que ajudam a contar como parteiras, enfermeiras, cozinheiras, professoras, telefonistas, recepcionistas, prostitutas, donas-de-casa, esposas, mães e crianças se aventuraram por uma terra na qual tudo ainda estava por fazer. E elas fizeram, como protagonistas silenciosas em meio a um barulhento canteiro de obras masculino e a precárias condições de vida, em casas de madeira, quase sempre sem água, luz e asfalto.



Enfermeira e um dos primeiros brasilienses nativos

IMAGENS CEDIAS À EXPOSIÇÃO "MEMÓRIAS FEMININAS" PELO ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA, BIBLIOTECA SETORIAL DA 108/308 SUL E PELAS FAMÍLIAS DAS PERSONAGENS RETRATADAS



Mulher cozinha na Esplanada dos Ministérios, então um canteiro de obras



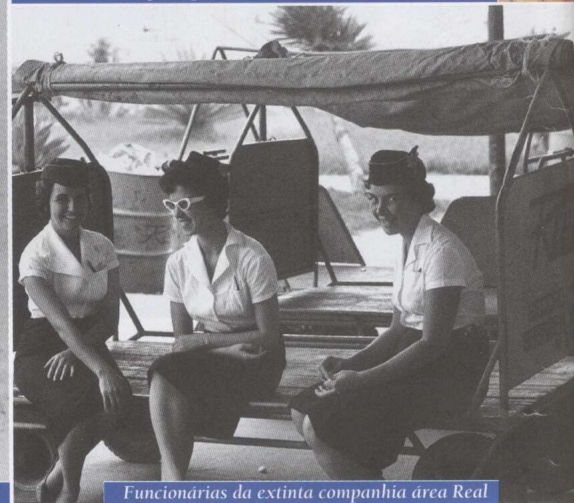
Qual a mais bela? Candidatas a Miss Brasília em 1963



Aos 66 anos, a paisagista Gláucia exibe caderno de prova



Brincadeira de criança: Brasília era uma festa



Funcionárias da extinta companhia ÁREA Real



Tempo de poeira, de imagens em preto-e-branco e cores pálidas. Uma época em que não se vislumbrava, nem mesmo no horizonte profundo do Planalto Central, a remota possibilidade de uma brasileira, como elas, alcançar o posto mais alto da República. Uma caminhada tão longa quanto a que se levou para remover o pó que encobria a memória das candangas, essas inesquecíveis desconhecidas primeiras mulheres de Brasília.

A exposição incluiu a apresentação do documentário *Poeira & batom*, também produzido por Tânia e lançado dois anos atrás. Com 50 depoimentos, muitos deles emocionantes, as pioneiras – incluindo algumas mulheres estrangeiras que vieram e ficaram – revivem a realidade hostil dos tempos de construção e também o otimismo que permitia enfrentar as piores situações. Na fala delas ganham vida a realidade dos alojamentos, as diferenças de classe social, as lembranças de quem pela primeira vez ousou sair de biquini em Brasília, as dificuldades para estudar (no início, só havia escola em Goiânia, a mais de 200 km).

“Precisamos dar continuidade a esse trabalho, pois a nossa história é formada em parte pela memória oral e, caso não seja feito esse resgate, perderemos para sempre essas memórias, pois essas senhoras estão morrendo”, diz Tânia Fontenele.